

12/03/01

P-202

INOCULAÇÃO EXPERIMENTAL DE *EQUUSASINUS* COM *LEISHMANIA CHAGASI*. Cerqueira E.JL, Gusmão A **, Paranhos-Silva M. *, Barbosa Jr AA*, Nakatani M***, Badaró R****, Moraes-Silva E*, Sarkis DFT*, Julião FS *, Sherlock IA*. *Laboratórios de Parasitologia e Laboratório de Histopatologia do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz/FIOCRUZ. **Escola de Medicina Veterinária/UFBA. ***Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas do HUPES/UFBA.

Objetivos: Pelo fato dos eqüídeos estarem freqüentemente presentes nos focos de leishmaniose visceral, serem habitualmente sugados pela *Lutzomyia longipalpis* e terem sido encontrados infectados pela *Leishmania brasiliensis*, especula-se sobre a possibilidade de serem também hospedeiros de leishmaniose visceral. Recentemente, têm sido feitas observações nas áreas endêmicas de Jacobina e Jequié, Bahia sobre a infecção desses mamíferos e seus papéis na ecologia dessa leishmaniose. Nada existe na literatura sobre a inoculação experimental dos eqüídeos com leishmanias, o que é relatado pela primeira vez neste trabalho.

Métodos: Após testes sorológicos e pesquisa direta para leishmanias negativos, 4 espécimens de *Equus asinus*, de 3 meses de idade, tendo cada cerca de 50 kg, foram inoculados com 1×10^8 promastigotas de cultura por quilo de peso. **Resultados:** Um dos animais foi necropsiado aos dois meses da inoculação porque estava com infecção secundária e seus testes sorológicos e pesquisa direta para leishmanias foram negativos. O segundo animal apresentou no exame histopatológico, escasso número de amastigotas nos fragmentos de fígado obtidos por necropsia feita 10 meses após a inoculação. Este eqüídeo, também apresentou os testes de ELISA e TRALd positivos aos 8º e 10º meses da inoculação. O terceiro dos eqüídeos, demonstrou todos os resultados negativos. O quarto animal, após 12 meses da inoculação, revelou-se positivo em todos os exames realizados.

Conclusão: Pelos dados já obtidos com os animais experimentalmente inoculados e examinados, pode-se antecipar que, possivelmente, os eqüídeos são capazes de resistirem à infecção leishmaniótica e desenvolveram cura parasitológica espontânea na infecção experimental, apesar da elevada carga de parasites inoculada. Se tais dados forem confirmados na natureza, é possível concluir-se que os eqüídeos não tenham papel importante como reservatórios na cadeia epidemiológica da leishmaniose visceral.